

FALAS EM TORNO
do



Nova



Pólis



papel reciclado

Falas em Torno do Lixo

Co-edição

NOVA

ISER

PÓLIS

Nova



Pólis

Rio de Janeiro, 1992

Falas em Torno do Lixo

Co-edição:

NOVA

Rua Barão do Flamengo, 22/803
Flamengo - Rio de Janeiro - RJ

ISER

Rua Ipiranga, 107
Laranjeiras - Rio de Janeiro - RJ

PÓLIS

Rua Joaquim Floriano, 462
Itaim - São Paulo - SP

Editor

Pedro Benjamim Garcia

Capa

Marcelo Riani Marques

*Editores eletrônica
e projeto gráfico*

LZ Design

Sumário

APRESENTAÇÃO

Pedro Benjamim Garcia

5

A CULTURA DO LIXO E SUA ANGÚSTIA

José Carlos Rodrigues

7

O LIXO, UMA INTERPRETAÇÃO

Lúcia Thereza Lessa Carregal

12

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O LIXO

Lúcia Thereza Lessa Carregal

28

LIXO: AÇÃO LOCAL E PENSAR GLOBAL

Elisabeth Grimberg

33

LIXO: MORTE E RESSUREIÇÃO

Emílio Eigenheer

37

LIXO: FANTASMAS DO LIXO

Emílio Eigenheer

40

QUEM NÃO GOSTA DO LIXO
BOM SUJEITO NÃO É (?)

Emílio Eigenheer

43

A QUESTÃO DO LIXO:

A VISÃO DO EDUCADOR

Anna Maria de Oliveira Rennhack

47

DO CAOS À MELODIA

Moema Sanchez Quintanilha

50

Apresentação

Esta coletânea de textos teve origem num seminário promovido pela Nova, em 1990, sobre a questão do lixo.

Exceto pelo denominador comum: lixo, os participantes deste encontro se constituíram num grupo bastante heterogêneo, enfocando o objeto deste debate sob diversos ângulos: simbólico, artístico, ecológico, político-administrativo.

Esta heterogeneidade, que pode se apresentar como desordem - uma das possíveis definições de lixo -, é sugestiva da riqueza do tema em questão.

Embora tudo que se refira ao ecológico esteja na ordem do dia, e no Brasil ainda mais, devido à *ECO-92*, é escasso o material que entre nós circula acerca do lixo, razão pela qual ISER, Pólis e Nova resolveram editar estas “falas”.

Esperamos que estes artigos contribuam para a reflexão daqueles que trabalham em atividades que contemplam o lixo, tema presente no amplo debate que hoje se realiza acerca do meio ambiente.

Pedro Benjamim Garcia

A cultura do lixo e sua angústia

José Carlos Rodrigues*

Em decorrência de meus estudos sobre o significado simbólico dos produtos corporais, especialmente daqueles que em nossa cultura são passíveis de suscitar a sensação de “nojo” - pois são sempre associados a “sujeira” - tenho sido com freqüência indagado, em aulas, seminários ou conferências, sobre a questão específica do “lixo”. Embora este não tenha sido por enquanto um campo por onde meu pensamento tenha passeado de modo especializado, tais circunstâncias levaram-me a algumas constatações e à possibilidade de levantamento de algumas hipóteses.

Em primeiríssimo lugar, tem-me impressionado a verdadeira angústia, geralmente experimentada pelas pessoas que frequentam minhas palestras e seminários, relativamente ao fato de viverem em cidades insuficientemente limpas, ou seja, cercadas de lixo por toda parte. Nem mesmo na cidade universitária em que trabalho nos Estados Unidos, para mim perfeita sob este aspecto, deixei de ouvir dos habitantes reclamações sobre as condições insatisfatórias da limpeza pública.

Enquanto antropólogo, diante de atitudes tão padronizadas e repetitivas, não posso deixar de levantar a hipótese de que correspon-

* Professor de Antropologia (UFF) e de Teoria da Comunicação (PUC/RJ)

dam a componentes fortemente definidores da cultura a que estamos vinculados no mundo industrial. E isto torna-se para mim uma certeza, quando me ponho a contrastar as idéias de meus auditórios com as práticas de outras sociedades: certeza que se torna ainda mais firme, quando contrasto as idéias e discurso dos arautos da limpeza pública de meu país com suas próprias práticas neste domínio.

Ora, não é necessário ser um especialista em história dos costumes para saber que nossas preocupações com o lixo têm uma existência relativamente recente. Nas cidades medievais, o “lixo” (restos de comida, excrementos, cadáveres de animais...) era em grande parte jogado nas ruas. É necessário colocar a palavra entres aspas, pois certamente ela não poderia significar, naquele contexto, o mesmo que passou a representar para nós.

Nos cemitérios medievais, as sepulturas eram, com grande frequência, coletivas, e ficavam sempre algum tempo semi-abertas até se completarem. E o cemitério ficava adjacente à igreja que, como sabemos, era o centro da vida comunitária cotidiana. Pois bem: era alí que as pessoas passeavam, compravam, vendiam, fabricavam pães... Mas não há registros, senão muito posteriores, de pessoas reclamando do mau cheiro, chamando aquilo de “lixo”, ou apresentando dessas práticas uma concepção negativa, como se tudo aquilo fosse **dejeito**.

Foi bem mais tarde que a concepção da **ressurreição da carne** foi abandonada, a favor da crença de que os homens dispõem de uma alma “eterna” e de um corpo “perecível”: até então, não se tratava absolutamente de coisas “jogadas fora”, de sobras indesejáveis, rotuláveis como lixo. Pelo contrário, não é de se afastar a possibilidade de que esta tenha sido, entre os medievais, uma maneira desejada de conservar a convivência com os mortos e com as coisas.

Foi muito lentamente que estas práticas medievais em relação ao “lixo” se modificaram. E não se tratou absolutamente de uma modificação espontânea, sem resistências, como qualquer passeio pelas cidades brasileiras e por várias européias pode ainda hoje demonstrar

muito bem. É preciso considerar seriamente a possibilidade de que, diferentemente do postulado por nossos dogmas, houvesse uma certa desiderabilidade no “lixo” e que as pessoas retirassem algum prazer da convivência com ele.

Foi preciso mesmo muita “estratégia”, muita “educação”, para, como se disse várias vezes no seminário de que este trabalho é parte, “disciplinar”, “mudar comportamentos”, “sensibilizar as pessoas”, “conseguir a colaboração da população”... Nem mesmo se excluiu aqui a possibilidade de que os fins da limpeza urbana fossem atingidos, como se chegou a dizer e exemplificar no seminário, com “porrada” e “punição” sobre aqueles que, “carentes” de “educação”, “precisavam” aprender os “bons” modos de existência.

Há aí um insidioso esrtratagema de poder. Como tão “civilizados” fins não podem ser questionados pelas pessoas “sensatas”, não se pergunta em nome de quem os “carentes” devem ser “educados”. Não se quer saber quem é o educador”, nem de que estrato da sociedade ele provém. Não se questiona a legitimidade do direito que este “educador” se autorga, para ditar qual educação considera “boa” para “eles”. E tais idéias promanam também, o que é um detalhe muito importante, de pessoas bem intencionadas, eivadas de “boas” posições políticas, “progressistas”...

Porque o lixo é central na cultura industrial, boas cabeças começam a delirar em torno da angústia que ele nos provoca: angústia que não é outra coisa senão nossa angústia de morte. Nossa preocupação com o eixo não decorre do fato de que seja preciso fazer algo com as coisas, inúteis, que morreram - do fato de que é preciso nos desembaraçar delas como de cadáveres. Não decorre absolutamente de que o lixo seja o que é morto. O inverso é que me parece mais apropriado: porque em nossa cultura industrial, tratamo-nos em nossas vidas como se tratam os objetos funcionais e vemo-nos corporalmente como se vêem os produtos orgânicos e os processos naturais, **morrer é ir para o lixo**. Assim, é compreensível que queiramos nos livrar do lixo, como queremos nos livrar da morte.

Acontece que o lixo é uma instituição fundamental na sociedade industrial. Tão fundamental como a fábrica ou o lucro. O lixo é irmão tão gêmeo destes, que já vão muito mais longe do que pode imaginar o leigo, os devaneios e projetos de desenvolver fábricas destinadas a fazer lixo gerar lucro. Interessante delírio: isso tudo depois de, como jamais na história da humanidade, fazer o lucro gerar lixo.

A angústia do lixo não é apenas uma sensata e compreensível vontade de bem-estar. Não é mais uma simples aversão aos produtos orgânicos e aos processos naturais. Seu entendimento é muito mais complexo, pois a civilização industrial precisa semioticamente do lixo que detesta: somente por oposição a este, poder-se-á identificar e atribuir sentido à lógica funcional e utilitarista que preside sua estruturação. Aparentemente, esta sociedade se dedica a produzir aquilo que não é lixo, pois este é entendido como tudo aquilo que passa a não servir mais, como tudo o que não mais funciona.

Mas só aparentemente. A angústia deriva também de se sentir que este é um problema insolúvel. Que é um problema de civilização, para o qual não há saída nos limites dela - pois o lixo não é senão a outra face da moeda da produção. Desse modo, uma sociedade de produção em massa, industrial e de consumo, é necessariamente uma sociedade de produção em massa de lixo. E nós todos, que somos vistos pelos projetos "educacionais" e pelas campanhas de "esclarecimento" como "produtores" de lixo, nada mais somos que canais por onde o lixo circula.

Esta função simbólica de identificação não seria nada mais do que isto, se o lixo fosse só isto. Acontece que este "alter ego" civilizacional contém em filigrana o espectro da morte da sociedade que identifica. Ele expressa a intuição dos limites de uma sociedade que identifica. Ele expressa a intuição dos limites de uma sociedade que quer continuamente se expandir. Exprime os horizontes de um sistema produtivo e de um modo de vida presididos por uma contradição inconciliável: explorar em frenética velocidade industrial um

planeta que se regenera em ritmo natural. E, após ter dele absorvido o que o nutre, devolver ao mundo seus dejetos indigeríveis.

Por isso se coloca como problema de vida ou morte o de gerar um lixo menos indigerível. Estão aí os projetos de “reciclagem” que, embora merecendo todos os elogios de um ponto de vista gerencial, não podem esconder o significado civilizacional trágico que comportam: mesmo que aprendamos a digerir pelo planeta um lixo indigerível, o processo de digestão do lixo indigerível acabará gerando lixos ainda mais indigeríveis e cada vez mais agressivos. E então se coloca inevitavelmente o problema de o quê fazer com este lixo insuportável. Sendo a sociedade industrial uma sociedade de expansão, mais cedo ou mais tarde não haverá no planeta espaço suficiente a ser partilhado por vida e lixo. Afinal, não existe por aí o projeto, menos ficcional do que se pensa, de literalmente “mandar o lixo pro espaço”?

A “reciclagem” tem algo de análogo à esperança dessas pessoas que se fazem congelar, com a promessa de não virarem lixo e poderem retornar à vida quando a ciência tiver descoberto o que fazer para torná-las de novo úteis e produtivas, rentabilizando, desse modo, ao máximo, a sua existência biológica. Descongelando e descongelando, reciclando e reciclando, conquistar-se-ia enfim a imortalidade das pessoas, assim como a infinitude dos recursos “naturais”. Afinal de contas, não reside no axioma de inextinguibilidade do planeta a única possibilidade de se ter, como aceitável, o mirabolante sonho de levar o estilo de vida, de produção e de consumo dos cidadãos médios americanos e europeus a quatro, cinco ou muito mais bilhões de terráqueos?

Eis, portanto, no lixo, um problema filosófico e político que uma “falsa consciência ecológica”, para usar a expressão pertinente de Edgar Morin, não pode elidir: o que é “vida”, “morte”, “convivência”? Qual o lugar do Homem neste planeta? E, de modo muito, e cada vez mais, crítico, qual o papel geológico do homem da civilização planetária, industrial e de consumo? Do homem dessa sociedade com cujos membros nossas elites tanto querem (a ponto de a isto os obrigar) que nossos “carentes” venham a se parecer?

O lixo, uma interpretação

Lúcia Thereza Lessa Carregal*

*"Tudo o que existe é significativo;
nada existe que não possua seu
peso simbólico consciente."*

Douglas, 1976, p.124

Mary Douglas, antropóloga inglesa, recusa-se a avaliar a atitude humana frente à sujeira separada de seu oposto, a limpeza. Vista pela autora como a reordenação do ambiente, um movimento e um esforço criativos para relacionar forma e função, para fazer da experiência uma unidade (1976, p.13), a limpeza supõe classificação, ordenação, enfim, ordem. A sugestão, pois é investigar os conceitos sujeira, impureza e interdições, através da ordem, o que nos leva a ver a sujeira como o que é desordenado, fora das classificações, o que está isolado.

O contraponto sujeira/limpeza leva a autora a afirmar:

"Acredito que idéias sobre separar, purificar, demarcar e punir transgressões têm como função principal impor sistematização a uma experiência desordenada. É somente exagerando a diferença entre dentro e fora, acima e abaixo, fêmea e macho, com e contra, que um semblante de ordem é criado" - Douglas, 1976, p.15.

* Jornalista e professora de Comunicação da PUC/RJ

Ao dizer que “a ordem ideal da sociedade é guardada por perigos que ameaçam os transgressores” (p.14) e que “algumas poluições são usadas como analogias para expressar uma visão geral da ordem social” (id.), Douglas remete a questão do lixo e da limpeza para o campo da estrutura da sociedade. A compreensão, a consciência sobre a estrutura e a ordenação da sociedade tangenciam idéias e ações morais que se concretizam em proibições, punições, práticas de purificação, atitudes, ligadas todas a rituais e a simbolismos que a autora exemplifica com inúmeros relatos sobre grupos e culturas primitivos.

Ora, perguntamos, o que tem nossa moderna e complexa estrutura social a ver com o limitado e o arcaico de sociedades primitivas?

Tem tudo a ver, para a antropologia social, que relaciona elementos comuns da experiência moderna e primitiva, investigando as idéias de uma comunidade sobre o lixo como parte de um todo mais abrangente.

A vez do cultural

Mesmo uma análise mais superficial, como a da imprensa diária, ao abordar a questão da sujeira no Rio, pode não se limitar a procurar causas na atualidade dos atos governamentais administrativos ou na explicação simplista da deseducação popular. Busca, às vezes, raízes mais profundas, que ajudem a explicar comportamentos atuais:

“Na metade do século 19, o lixo e dejetos no Rio eram recolhidos por escravos que usavam um barril chamado ‘tigre’”. Como não havia sistema de esgoto ou vazadouros, o lixo era atirado em outras ruas, nas praias e nos terrenos baldios - prática ainda comum em áreas periféricas. Por causa disso surgiam epidemias como a febre amarela. Só em 1860 a companhia inglesa City instalou o sistema de esgotos e os barris foram substituídos por carroças puxadas a burro. Em 1930 a prefeitura assumiu todo o controle da limpeza urbana, depois que uma companhia de propriedade de um

francês, Alexis Gari, encerrou seu contrato deixando apenas o nome para designar os recolhedores de lixo.”

E o jornal tenta uma explicação:

“Até hoje a população conservou o hábito, considerado natural, de desprezar os preceitos de higiene. Um sociólogo apontou como causa para a falta de cuidado do cidadão a tradição escravista de que há sempre alguém cuja obrigação é limpar a sujeira dos outros. Com o fim da escravatura, a tarefa passou a caber à mulher em casa, aos empregados ou aos gari. (...) Estes, pagos para limpar as vias públicas, substituem o escravo do tempo antigo. Nas cidades europeias que não conviveram com a escravatura há sempre mais cuidado com a sujeira.” - Jornal do Brasil, Editorial, 9/12/89.

Na realidade do cotidiano, verificam-se as distorções: o gari assume o papel do antigo escravo. E mais: o brasileiro, o carioca, não vê a rua como espaço seu, e sim “do Governo”. Povo asseado com seu corpo, morando em casas limpas e arrumadas, como explicar a sujeira na rua? Enquanto na França, por exemplo, Viagarello¹ marca a Renascença como a época em que o banho diário deixou de ser rotina para ser visto como perigo de contágio em banheiros públicos e de perda de energia e força, por estranha concepção médica vigente, o mesmo período, no entanto, no Brasil, é citado por Ribeiro (id.) como aquele em que o português adquire do índio “o tenaz hábito do banho diário”.

Tudo indica, portanto, que o desleixo corresponde ao desprezo pelo que o povo não considera seu, o espaço público não-extensão da casa, loteado por elites e governos autoritários e corruptos, a seu individual prazer.

O referencial cultural, portanto, amplia o olhar, que Douglas aprofunda. Ela recusa a versão corrente de que limpeza é “cuidado com a higiene e respeito por convenções” e demonstra que, desde os povos

1. O limpo e o sujo, Cad. Idéias, “Jornal do Brasil”, 30/12/89

primitivos, a fronteira entre sujeira e limpeza não foi sempre tão definida. Muitas culturas não faziam distinção clara entre sujeira, santidade e sagrado (p.20). A idéia de sujo/excluído da ordem/separado corresponde, em muitos casos, ao conceito de sagrado/separado/restrito aos deuses².

A vez do simbólico

O mundo primitivo é composto de restrições e não-restrições. Entre as primeiras, umas protegem a divindade contra a profanação e outras protegem o profano da divindade (id.). De outro lado, assinala Douglas, há uma relação com nossas ações de limpeza: “a semelhança entre alguns de nossos ritos simbólicos e nossa higiene é algumas vezes estranhamente estreita” (p.47). A higiene e a sujeira, para a autora, tocam os sistemas simbólicos. Ao invés de se ligarem só à higiene/estética e ao conhecimento de organismos patogênicos, nossas idéias sobre a sujeira estão relacionadas com “sistema, ordenação e classificação sistemática das coisas, na medida em que a ordem implique rejeitar elementos inapropriados. Esta idéia de sujeira leva-nos diretamente ao campo do simbolismo e promete uma ligação com sistemas mais obviamente simbólicos de pureza” (p.50).

A questão da sujeira, embora seja relativa (sapatos não são sujos em si, mas é sujeira pô-los sobre a mesa), obedece a esquemas ordenados (embora a mesa seja considerada limpa, os alimentos não são postos diretamente sobre ela). A ordenação dos esquemas é ajudada pela noção do ambíguo e do anômalo, daquilo que sai do conjunto que queremos classificar (p.53). Como exemplo, Douglas cita a experiência do viscoso, descrita por Sartre, que dá à criança, pela vivência

2. Muitas das alegadas motivações “higiênicas” dos interditos religiosos - como a da carne de porco entre os judeus como medida sanitária contra infecções - na verdade podem ter tido como primeiro motor o elemento sagrado, ritual, que visava a assegurar os favores da divindade ou evitar sua ira. Sem as ordenações religiosas e o substrato cultural, o “materialismo médico”, no dizer de William James (cit. por Douglas) provavelmente não teria tanta aceitação.

concreta, a noção mais rápida sobre a diferença entre o sólido e o líquido, fá-la aprender sobre si mesma e sobre sua interrelação com as coisas e suas propriedades (id.).

O outro e a ordem

As culturas têm diversos modos de lidar com o diferente. Reduzí-lo, controlá-lo, evitá-lo, temê-lo ou usá-lo em ritual para “enriquecer seu significado e chamar a atenção para outros níveis de existência” (p.55) são modos de se lidar com o ambíguo, o anômalo, o sujo, o desordenado, o isolado, o santo, o sagrado. Douglas propõe como lidar com a sujeira:

“Se impureza é assunto inoportuno, devemos investigá-lo através da ordem. Impureza ou sujeira é aquilo que não pode ser incluído, se se quiser manter um padrão. Reconhecê-lo é o primeiro passo para uma compreensão da poluição” - Douglas, 1976, p.56.

A minuciosa reflexão da autora vê a estreita relação entre santidade e integridade e, conseqüentemente, entre santo e uno, separado, puro, perfeito e ordenado (p.70). O santo e o sagrado, por outro lado, só o são por que foram aceitos pelo grupo social e passaram a fazer parte das relações sociais. De novo vê-se que

“...os rituais sociais criam uma realidade que não seria nada sem eles. Não exagero dizer que o ritual é mais para a sociedade do que as palavras para o pensamento. Pois é bem possível conhecer alguma coisa e então encontrar palavras para ela. Mas é impossível ter relações sociais sem atos simbólicos” - Douglas, id.,p.80.

O lixo acontece

A relação homem/natureza passa por um determinado momento em que algo vira lixo. Esse acontecer é interpretado por Eigenheer (1989) como uma dimensão do ciclo vida/morte e algo que o discurso

técnico-funcional não esgota. Este autor identifica os coletores e locais do destino do lixo com pessoas/espços ligados a “produções” como “cemitério, manicômios, hospitais terminais, prisões, áreas de prostituição e albergues para mendigos”. São, como o lixo, malditos, relegados aos cantos e periferias e quem com eles trabalha não é considerado socialmente. Não podem ser dispensados e quando se expandem (como requisito obrigatório da sociedade de consumo), tornam-se problemáticos.

A mesma língua que diz “sujeira, podridão, lixo, imundície, apodrecer, não prestar”, fala de “apodrecer na prisão, mulher que não presta, boca do lixo, trapo humano” etc. A sugestão comum a essas expressões, para Douglas, é de que elas devem desaparecer, ter um fim, morrer.

Em uma pesquisa sobre famílias que organizam sua vida em torno do lixo, em Salvador, Moura e Gonçalves (1989) transcrevem depoimentos em que os catadores - lá chamados “badameiros” - reclamam da relação que a cidade estabelece com eles, da TV, que quando faz reportagens sobre o lixo, “só passa o lado ruim. Parece até que é um pedaço fora da cidade, mas não é. Tudo que vem para cá é deles”. Os catadores agem selecionando, reciclando e vendendo partes aproveitáveis do lixo e, embora reivindicuem serem reconhecidos como “parte da cidade”, os moradores de áreas próximas reagem aos “badameiros” com atitudes que vão da comiseração ao ódio.

Os autores percebem o ressentimento dos catadores perante o estigma:

“A cidade se exime da responsabilidade sobre o que remete ao depósito e atribui ao lixo - inclusive aos que aí trabalham - um significado que não decorre apenas do lixo como tal, mas da relação íntima entre o que descarta e o objeto descartado” - Moura e Gonçalves, 1989.

O lixo tem, para estes autores, o estigma da morte.

Ocorre que as novas posturas ecológicas, em processo similar ao de certas religiões, advoga transformar o que está fadado à morte em “energia, matéria-prima, natureza embutida (...) algo reciclável, que pode renascer”, continuam os pesquisadores. Sua sugestão é que se repense o lixo e os esquemas de limpeza urbana é luz de nossas concepções de mundo e religiosidade.

Os rituais das culturas urbanas ocorrem em compartimentos separados, ao contrário das culturas primitivas, onde o simbólico é unificado, as experiências coincidem e se interpenetram. “Nós, os modernos, operamos em muitos campos diferentes de ação simbólica” (Douglas, id., p.87). Enquanto os rituais primitivos “criam um universo único simbolicamente congruente”, nossos comportamentos em relação à higiene, por exemplo, são justificados pela ciência e não pelo simbólico, o que é uma fragmentação, um não-relacionamento (p.88).

Um outro olhar

Na tentativa de observar como esses conceitos aparecem nas camadas populares, realizamos uma pesquisa em uma Comunidade favelada do Rio. A possibilidade de comparar nossa sociedade, especificamente a Comunidade escolhida, com culturas primitivas, diz Douglas, está na “unidade da experiência humana e, ao mesmo tempo, na sua variedade, nas diferenças que fazem com que a comparação tenha valor” (id., p.97). Na pesquisa, alguns moradores foram convidados a apresentar, por escrito, seus enfoques sobre o lixo, os quais confrontamos com o referencial teórico.

“Sei que lixo é matéria em estado de decomposição, que prejudica a saúde da população transmitindo doenças infecciosas através de vetores como ratos, baratas, moscas e outros insetos. Põem em risco a saúde de todos, aumentando a taxa de mortalidade infantil, especialmente poluindo o meio ambiente e afetando todos os seres vivos. Este problema pode ser evitado pela remoção do lixo nas vias públicas, com o auxílio da prefeitura.”

Os desmandos e o desrespeito que os dirigentes deste país têm com a nação, sobretudo com as classes menos favorecidas, também é lixo. Põem em risco o futuro de um país e de um povo que tem tudo para ser independente.

Os vetores são os governantes que transmitem a doença infecciosa e incurável que é a doença social. Deixam seu povo na miséria, com fome, sem medicamentos, educação e moradia adequadas, sobretudo a população de baixa renda''.

Esta concepção de lixo, transmitida por escrito pela moradora, revela uma linguagem elaborada e um costume no trato com o social e mesmo com o governamental, do que à prova o uso do termo vetor, comum nas campanhas oficiais de erradicação de animais nocivos nas áreas pobres.

Primitivos e modernos, somos sujeitos às mesmas regras, segundo Douglas (p.56), para quem é difícil estabelecer correlações. Mas nessa tentativa percebe-se que as culturas modernas estão permeadas de valores simbólicos dos povos que nos precederam. Por outro lado, o primitivo é indiferenciado e "o progresso significa diferenciação"³.

No depoimento acima, a questão do lixo pode talvez representar um esforço de separação de seu ambiente e de percepção de limitações e poderes reais.

Vê-se, portanto, que "as coisas mudam sua natureza, de certa maneira, de uma sociedade para outra⁴, porque afetam diferentemente os sentimentos dos grupos", e essas coisas são

3. Essa diferenciação conduz a um critério que pode ser aplicado a distintas culturas, com base "no princípio kantiano de que o pensamento somente se desenvolve livrando-se dos grilhões de suas próprias condições subjetivas" (Douglas, p.99). Ou ainda, a cultura se inicia à volta do observador que tenta interpretar suas experiências.

4. De outra ordem é a conceituação de dois integrantes do grupo, a pesquisadora e um visitante eventual morador do asfalto, com suas experiências diferentes daquelas da favela: "Lixo é aquilo que não me serve e não serve para mais ninguém. Acredito que uma cultura começa quando o homem recolhe seus detritos". "Lixo, na minha concepção, é o objeto que se tornou imprestável, sem que houvesse condição de reforma ou de improvisar."

“...acima de tudo sagradas ou profanas, puras ou impuras, amigas ou inimigas, favoráveis ou desfavoráveis, i. é, suas características mais fundamentais são unicamente expressões da maneira pela qual elas afetam a sensibilidade social. As diferenças e semelhanças que determinam o modo pelo qual elas são grupadas são mais afetivas que intelectuais” - Durkheim e Mauss, in Douglas, s.d., p.35.

Vislumbra-se aqui um outro sistema de pensamento:

“Eu sou a favor do lixo no campo, nas lavouras. Nas cidades, é perigo de desmoroamento, perigo para a saúde, porque eu carrego muito lixo do vizinho”.

O referencial antropocêntrico não será ainda mais perceptível nesta definição de outra integrante da Comunidade pesquisada? Em sua visão do lixo, a indiferenciação entre externo e interno, coisa e pessoa, ambiente e ser, instrumento e signo, discurso e ação é um dado cultural que mostra a passagem necessária do caótico para o individual e também a falta de empenho na coerência intelectual por valorização da ação simbólica (Douglas, pp.110-111).

Lixo e cotidiano

Em um estágio não totalmente diferenciado como o da Comunidade em questão, a visão do mundo tende menos a uma “filosofia sistemática consentida, conscientemente, pelos indivíduos” (p.113) que à resolução de problemas da própria Comunidade, “como organizar outras pessoas e nós mesmos em relação a elas; como controlar a juventude turbulenta; como acalmar vizinhos descontentes; como obter os direitos de alguém; como evitar a usurpação da autoridade ou como justificá-la” (id.).

“O que é lixo? Bom, se for levar em consideração, nada é lixo. Só que poucos são os que aproveitam. Uma porta velha não pode ser usada em uma casa nova. Ela pode ser consertada com partes novas, em vez de jogá-la fora e gastar um dinheirão comprando uma nova e

moderna. Esta foi fabricada para durar enquanto se abrir e fechar, que hoje são poucos os que tem cuidado. E mais, as folhas de mato são esterco transformado, juntamente com os galhos e troncos apodrecidos na terra vegetal, com que se ganha dinheiro se vendendo. E, para encurtar a conversa, nada é lixo se colocado nos seus devidos lugares, sendo aproveitado para uma nova obra na primeira oportunidade. Todo o lixo de uma cidade daria trabalho para meio mundo, porque iria gerar uma monstruosa fonte de renda e evitar doenças, trazendo menos poluição''.

Na "fala" da moradora, a comparação - se assim se pode chamar o exame do interrelacionamento entre as culturas urbana e favelada - dá-se mais, conforme Douglas (p.114), entre instituições sociais que entre tipos de pensamento. Se as instituições sociais que caracterizam os dois diferentes padrões culturais, do "asfalto" e da favela - são inscritas em ordenamentos fluidos, indefinidos, pode-se dizer que ambas tocam extremos da desordem.

Tabu e poder

Para Douglas, a desordem "é ilimitada, nenhum padrão é realizado nela, mas é indefinido seu potencial para padronização. (...) Simboliza tanto perigo quanto poder" (p.117). Uma das formas de conjurá-la é o ritual, que traz em si um duplo jogo de inarticulações (p.118). As formas articuladas e inarticuladas de controle sobre as situações, aqui já independentemente de ritos, configuram um poder ou sua ausência, exemplificados nos interditos.

Na Comunidade em estudo, há poucas proibições cristalizadas, sendo que todas elas tocam os limites de um poder, como veremos adiante. O marginal, o separado, é excluído pela Comunidade, e não voluntariamente (p.121). A identificação entre marginalidade/obsenidade/ilegalidade/sujeira, com o poder, é vista por Douglas como projeção da questão da poluição (p.121 e seguintes).

Se a sujeira representa uma forma de perigo, sua identificação passa pelo reconhecimento das fontes de poder. Se a estruturação social é bem articulada, o poder também o é, investido em autoridades explícitas: “Onde o sistema social é mal articulado procuro poderes inarticulados, investidos naqueles que são a fonte da desordem” - Douglas, 1976, p.124.

“O que é o lixo? Para mim, que vivo no sufoco, andando no lixo, a começar pela nossa política, combatendo o lixo. Porque, quando eleito, diz que vai reconstruir o prédio e lavar a roupa suja. ‘Agora, que estamos por cima, podemos jogar o lixo neles, que estão por baixo. Eles não podem nem gritar, tem mais é que aturar.’ Os vizinhos trazem lixo e jogam nas portas dos outros e nos caminhos, dentro dos muros, assim criando pernilongos, mosquitos e dengue. Sem pensar, procuram sarna para se coçar. Eu vejo assim.”

Pode-se dizer que o morador refere este tipo de poderes, partes do sistema social, expressando-o ou apontando instituições, para manipulá-lo (p.139).

A estruturação social é dependente, segundo Douglas, da superação do problema da comunicação. Esta supõe concordância na visão e aceitação do sistema social. E mais: “Toda a atribuição de perigos e poderes faz parte desse esforço para comunicar e, conseqüentemente, para criar formas sociais” (Douglas id., p.125).

O depoimento de uma moradora relaciona também a comunicação:

“O que é lixo para mim? Não é lixo para outro. Eu comecei a ver isso depois que começou o nosso Grupo de Comunicação. O que eu não quero, serve para outro.”

A poluição sendo o perigo, o que deve ser evitado, encerra outro tipo de poder, que se manifesta onde as linhas da estrutura cósmica ou social não são claramente definidas (Douglas, p.139):

“Em um jornal de 26/5/88 encontrei um artigo que diz que os geógrafos terão que alterar a História das Américas. Foi encontrado na Amazônia lixo de milênios antes de Cristo, o que prova que já existia civilização no Brasil. Neste mesmo jornal há um artigo que mostra o que acontece neste país cheio de injustiças. Como foi que descobri? Achei-o no lixo.”

Este comentário, a nosso ver, revela uma indefinição sobre estruturas temporais. Vista a poluição como transgressão das normas, o que polui/transgride está sempre em erro por ter cruzado uma linha fluida, atemporal, indevida, o que traz perigo para alguém (id.).

“O lixo tem várias formas de interpretação. Há o lixo propriamente conhecido, que é sujeira mesmo. Casa mal cuidada, lixo acumulado. Há o lixo ofensivo, isto é, quando duas pessoas discutem entre si, uma diz para a outra: ‘Para mim, você não passa de um lixo’. Há também o lixo moral: quando o indivíduo se entrega ao vício dos tóxicos ou da bebida. Todos são considerados pela sociedade como lixo humano.”

A percepção do morador confirma Douglas e Eigenheer.

Quando se sabe que um dos mais fortes interditos na Comunidade pesquisada é o circular pelas dependências do Posto Médico local em trajes de praia ou de casa (shorts curtos, sungas etc), - aceitos nos demais locais públicos da Comunidade, com exceção dos templos, - pode-se pensar que ali ocorre um dos quatro tipos de poluição social descritos por Douglas (p. 151 e seguintes). Assim, a proibição da sunga, que oculta limitadamente a parte genital, em um local de atendimento público, sacralizado pelo serviço que presta à Comunidade, revela um tipo de interdito social em que o perigo surge da transgressão dos limites internos do sistema. Tal como na estrutura indiana de castas, em que as mais altas se encarregam do pensamento e da oração e as mais rebaixadas da limpeza dos dejetos, também a transgressão da sunga tem provavelmente a ver com uma idealização corpórea da sociedade.

Nesta ordem de idéias, o corpo humano, que é mostrado todo nos exames do Posto Médico, não pode ter sua genitália exibida para os que não dão serviço no lugar sagrado, em uma preocupação com o “locus” de poder e sua aparência.

Lixo e passagem

O corpo social realiza-se, portanto, em “lugares” que são cabeça, decidem e ditam normas e outros que representam a sexualidade e a eliminação de dejetos e são, por isso, proibidos. A interdição, no entendimento de Douglas, tem a ver com moral e relações entre consciência e estrutura social. Para a autora, a explicação dos interditos está mais no sociológico que no psicanalítico. A proibição toca as franjas do sistema, se inicia na margem e no limiar do aceito. O rito de passagem, o culto de entrada repetem-se em todas as culturas, das primitivas às urbanas pós-industriais. A proibição também marca passagem, entrada no sagrado, isolamento e separação. Tudo isto tem a ver com sujeira e limpeza, conceitos entranhados em nós sobre o lixo e nossa relação com o proibido (p.159 e seguintes). Douglas resume: “Cada cultura deve ter suas próprias noções de sujeira e contaminação, que são contrastadas com sua noção da estrutura positiva”.

“Lixo mesmo é quando se junta um fio de cabelo, com um fio de linha, com uma tira de pano, um pedaço de jornal, palito de fósforo, que se varre para o caminho, junta com as folhas da árvore e joga para dentro da vala. Aí vem a chuva e esses pequenos pedaços de lixo juntos entopem a vala, mas esse lixo ainda serve para algumas coisas. Sabe para que? Para os passarinhos jogarem no ninho. O lixo que se trai, contrai”.

Vemos que a definição de lixo desta integrante da Comunidade confirma Douglas em relação à sujeira e o desenvolvimento de um processo de imposição da ordem, mental ou não, qualificando o rejeitado.

Trata-se, segundo a autora, de um comportamento que supõe dois estágios em relação à sujeira: no primeiro, os pedaços indesejáveis são considerados desagradáveis e uma ameaça à ordem. Porque ainda diferenciados, são varridos vigorosamente. Mas em um segundo momento pulverizam-se, decompõem-se e, formam uma massa indiferenciada. O remexer no refugo é desagradável porque restaura sua identidade, proclama Douglas (p.194). A última frase da reflexão da moradora, acima, é de difícil entendimento, porém pode sugerir uma forma de indiferenciação.

Assim se completa um ciclo:

“A sujeira foi criada pela atividade diferenciadora da mente, é um subproduto da criação da ordem. Assim, ela começou de um estado de não-diferenciação, seu papel foi o de ameaçar as distinções feitas; finalmente retorna a seu verdadeiro caráter, indiscriminável. A falta de forma é porisso um símbolo adequado do começo do crescimento e da decadência.” (Douglas, 1976, p.195).

O estrume, por exemplo, é indicativo dessa concepção. Por outro lado, “a pureza é inimiga da mudança, da ambiguidade e comprometimento” (p.196). Sempre que um modelo de pureza nos é imposto, leva ao desconforto ou à contradição e hipocrisia. E não remove o que é negado.

O dejetos é fértil

É difícil que as interdições não tenham base fisiológica. O corpo fornece, segundo Douglas, “um esquema básico para todo simbolismo”. Mas não se pode, impunemente, retirar do corpo, seja ele o físico ou o social, suas partes desagradáveis, sob pena de perdas importantes para a unidade do todo. Na comparação de Douglas (p.198), um gramado não pode ter retiradas suas ervas daninhas, sem que seja necessário acrescentar elementos substitutivos, como o adubo. O nocivo também contribui para a fertilidade. A autora explicita: “O tipo

especial de tratamento que algumas religiões concedem às anomalias e abominações para torná-las poderosas para o bem é como transformar erva daninha e a grama cortada em misturas de adubos”.

O papel das religiões e da cultura popular na reintegração do desprezado no todo ordenado é fundamental. Corre o risco, contudo, de desaparecer, no mundo tecnológico desumanizado que estamos preparando. A perspectiva final das interdições é a desintegração corporal, a morte. Esta é tema e realidade ainda tabus na sociedade industrial. Sua integração à vida no sentido da unificação plena do rejeitado e do ordenado, é passagem necessária para o preenchimento de uma lacuna que tem limitado um desenvolvimento mais humano.

As pessoas, lembra Douglas (p.209), parecem não se dar conta de que as interdições que criaram são fruto de inquietações suscitadas pelo desafio que encerram o diferente, o fora das classificações. Essas inquietações são justamente geradas pela separação, pela rejeição, pela divisão do que era uno. As religiões sempre fizeram, por meio dos rituais e das interdições, a sacralização, ou seja, a transformação do dejetivo em sagrado, do rejeitado em indiviso. Restaurava-se a unidade do ordenado e mantinha-se, talvez de forma mais consistente que hoje, a integridade dos psiquismos individual e social.

Na Comunidade estudada, a tentativa de correlação com outras visões de mundo evidencia não só substratos simbólicos profundos, comuns a muitas culturas, como a influência da modernidade e das incongruências de nossa sociedade industrial pré-desenvolvida.

Até que ponto o entendimento do lixo para a Comunidade identifica os rejeitos físicos com sua identidade social e seu papel nessa estrutura sócio-econômica, além de significar restauração e unidade como desejo inconsciente, não temeroso da morte, é um sentido que também queremos apontar.

TEXTOS CITADOS

DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo. S. Paulo, Ed. Perspectiva, Col. Debates, 1976. 232p.

----. Rules and meanings (mimeo) s.n.ed., s.d..

EIGENHEER, Emílio. "Lixo, morte e ressurreição", in "Comunicação do ISER", Rio, ano 8, n.34, 1989.

MOURA, Milton e GONÇALVES, Roberto. "Os badameiros: o lixo das profissões ou a profissão do lixo", in "Caderno do CEAS", n.124, Salvador, Centro de Estudos e Ação Social, nov/dez 1989, pp.12-21.

Algumas reflexões sobre o lixo

Lúcia Thereza Lessa Carregal

O trabalho iniciado em 1981 em uma Associação de Moradores e depois na Comunidade popular favelada limítrofe a essa Associação, fez nascer a idéia de uma pesquisa sobre Comunicação e Comunidade Popular, especialmente sobre as formas de comunicação ali existentes.

O lixo surgiu como tema de pesquisa pelo fato dos membros da Comunidade citarem-no seguidamente como um dos maiores problemas enfrentados, resultante, na opinião deles, da falta de Comunicação. Porém a pesquisa não detectou que eles se organizassem para sanar a situação ou para pressionar as autoridades responsáveis. Note-se que esta Comunidade tem uma atuação bastante eficaz em outras lutas, como a da água, da terra e do saneamento.

Na tentativa de esclarecimento desta aparente ambiguidade, Pedro Benjamim Garcia, que orientou esta parte da pesquisa, sugeriu a leitura de "Pureza e perigo" (Mary Douglas, Ed. Perspectiva, S.P., 1976, 232p), como um modo de pensar a questão não só em seus aspectos puramente concretos, higiênicos, educacionais, mas em termos simbólicos.

Douglas investiga a sujeira a partir de seu oposto: a limpeza, a ordem, as ordenações. Para ela, o sujo também é o desordenado, o fora

das classificações, o isolado. Este enfoque abriu muitas portas e uma delas é a possível ligação do lixo com outras áreas, como a político-institucional e a cultural, que trazem em si fatores internos profundos e não facilmente detectáveis.

O lixo e as instituições

O lixo em si, sua história, parecem ter a ver diretamente com o modelo de civilização apontado aqui pelo antropólogo José Carlos Rodrigues. Já a questão do produtor poderia ser ampliada para abrigar não somente o de tipo doméstico e industrial mas também o que se poderia chamar de “produtor urbanístico”, institucional, ou seja, aquele que produz a cidade. Ele é tão ou mais responsável pela situação de sujeira que o cidadão que joga seus detritos na rua ou a fábrica que despeja resíduos na natureza.

As decisões urbanísticas são geradas em gabinetes, transmitidas no ensino universitário, discutidas em literatura especializada. Ao que se saiba, as faculdades de Arquitetura não têm sido solicitadas a examinar, com seus estudantes, como podem contribuir, na pesquisa e ensino de projetos e opções arquitetônicas e ambientais, para a criação de um lugar específico para a coleta e seleção do lixo, seja a nível doméstico ou industrial. Pode-se pensar nesse tipo de seleção já dentro de casa, ao invés de caros processos de seleção do lixo bruto dos vazadouros terminais. O mesmo se dá quanto ao Código de Obras ou o Plano Diretor da cidade. Embora reguladores das formas de fazer e manter a disposição urbana, ressentem-se da participação dos habitantes, justamente aqueles que vão utilizar os benefícios pretendidos.

Auto-educação

A ampliação das responsabilidades na produção e existência do lixo e a elaboração de uma política abrangente, que leve em conta a

multiplicidade da realidade são necessárias para a educação coletiva, para a disseminação do sentimento de que estamos sempre aprendendo e de que a cidade é feita por seus habitantes. O educar seria transpor para outros uma visão diferente, para que, num respeito muito grande a essa percepção do outro, nós o apresentemos a nosso mundo e ele possa também ampliar sua visão.

Em uma nota, de autoria de um favelado, publicada no boletim da Comunidade pesquisada, lê-se: “Insensibilidade: é lamentável repetir o que acontece com certas pessoas desta Comunidade, que não respeitam a ordem, ou melhor o pedido, para que não joguem lixo no valão do Mangue: como todos sabem, foi feito ali um ótimo trabalho para conter os detritos quando chove, evitando assim as reclamações daqueles que vivem no asfalto.” Esse texto parece revelar outra das ambiguidades vividas pelas classes populares: a omissão quanto ao provável prejuízo da própria Comunidade em razão do acúmulo do lixo e uma preocupação com a possível reação de outros segmentos, temíveis pelo poder que representam.

A educação repressora não é eficaz, a longo prazo. Quando o poder fiscalizador volta as costas, as pessoas fazem aquilo que é proibido. Só a auto-educação obtém resultados duradouros. E nesse sentido já se observam mudanças de comportamento. Hoje, aqui no Rio, é raro se ver o interior dos elevadores em mau estado. No entanto, eles já foram muito sujos e até depredados. As explicações para a melhoria do comportamento nos elevadores podem ser tanto uma maior auto-educação, como a ampliação do conceito de espaço doméstico. Parece haver, em relação ao lixo, uma visão e uma prática ambivalentes da educação e das posturas sociais: de um lado, as que se exercem nas casas e moradias coletivas. De outro, o desprezo e até a raiva pelos locais públicos. Estes podem estar sendo vistos, então, não só como “coisa de ninguém”, em uma acepção a-social, mas também como lugar apropriado por outrem, por uma autoridade repressora, arbitrária e anti-participativa.

O escondido

A idéia de Douglas do sujo como coisa separada, fora da ordem, leva-nos a um território próximo, o das coisas secretas, do escondido. O que é que se esconde em nossa sociedade? O que temos em nossos porões?

Foi dito aqui que escondemos o lixo embaixo dos tapetes e nos aterros sanitários. O lixo faz, então, parte de um conjunto oficialmente escondido: dejetos, restos, fezes, esgotos. Mas também escondemos os erros, as culpas, os complexos, as lágrimas e as mostras de fraqueza. O sobrenatural, os feitiços, os monstros, o lado escuro da mente. E o segredo em si, aquilo que se esconde. Maffesoli trata o segredo primeiramente em termos de exclusão, seleção e hierarquização, ocultamento de partes e dados, proibição de acesso. Quando escondemos algo, de certo modo estamos fazendo uma seleção, uma ordenação do real.

Em um segundo grupo, nós escondemos também o sexo, o erotismo, a masturbação, a pornografia, as obscenidades. E ainda, sob a terra, as tubulações de abastecimento e comunicação (água, luz, telefone). Escondem-se até elementos naturais, como o estrume, o adubo, as folhas secas. Só recentemente, o IBAMA decidiu que, nos parques nacionais, não se deve mais varrer e queimar as folhas secas, mas sim, deixá-las para que fertilizem de novo o solo. Isso pode indicar que se esteja reestruturando a concepção do lixo, daquilo que se esconde. Quando chegará a hora de se rever o sentimento em relação ao outro, a solidariedade que muita gente tem medo de demonstrar e que são sentimentos escondidos em nossa sociedade?

E embora Maffesoli chame a atenção para o outro lado do segredo, ou seja, a ostentação manifesta (as vezes a melhor maneira de se esconder alguma coisa), pode-se tentar uma relação entre o primeiro grupo de coisas escondidas - lixo, fezes, máquinas, erros, o sobrenatural, o segredo em si - e a morte ou, pelo menos, a concepção que dela

se tem de acontecimento individual, secreto, vergonhoso até, que se pretende o mais longínquo possível. Enquanto isso, o segundo grupo - sexo, tubulações de abastecimento, estrume, sentimento de pena e o próprio segredo, quando é manifesto - exige um outro para se realizar, parece ter mais a ver com um intercâmbio, uma troca, em seus diversos níveis.

Arriscamos então dizer que escondemos em nossos porões aquilo que é relativo à morte e o que encerra, potencialmente, a troca. Tudo isso está contido no segredo. E está contido no lixo, que pertence um pouco a cada grupo, funciona como interface: conota-se com a morte e por isso é escondido mas também encerra uma promessa de troca, de reciclagem, de transformação, de ressurreição.

Lixo: ação local e pensar global

Maria Elizabeth Grimberg*

Atualmente, o lixo vem sendo estudado de diferentes pontos de vista: ecológico, econômico, cultural, histórico, antropológico e outros. Estudiosos têm pesquisado seus significados no imaginário social, suas conotações religiosas, seu potencial artístico. Aqui, a partir de um breve relato de uma situação local - a coleta seletiva de lixo na cidade de São Paulo - vamos indicar algumas questões que transcendem esse sistema e mostram que o lixo deve ser pensado dentro de um quadro mais global.

São Paulo, com 11,3 milhões de habitantes, produz 12 mil toneladas de lixo por dia. É a quarta maior produção de lixo do mundo. O custo mensal da limpeza gira em torno de 10,5 milhões de dólares. A destinação deste lixo torna-se crescentemente mais problemática, seja pelo esgotamento da capacidade dos aterros existentes, seja pela falta de espaços disponíveis para este fim. Além disso, por mais bem construídos que sejam os aterros sanitários sempre causam algum impacto sobre a natureza. Os incineradores também apresentam problemas pelos altos custos necessários à sua modernização, uma vez que os atuais são muito poluentes. E por fim, a compostagem é um processo que depende do grau de pureza do composto orgânico,

*Socióloga, Pesquisadora do Pólis

estando por isso intrinsecamente associado à eficiência do sistema de catação.

Diante da ameaça de soterramento da cidade, a reciclagem apresentou-se como solução inevitável. E apesar do problema estar colocado há muito tempo - e de já existir alternativas para seu encaminhamento - apenas agora começa a ser tratado. A iniciativa da atual gestão municipal de São Paulo de implantar a coleta seletiva de lixo revela não só vontade política de enfrentar a questão, mas também a compreensão de que a sociedade civil já percebe, em alguma medida, o seu "lixo" como "coisa pública". Ou seja, não basta tirá-lo de dentro de casa para livrar-se dele. O problema continua do lado de fora, em escala ampliada.

A coleta seletiva trouxe a possibilidade de um maior envolvimento de cada cidadão com a gestão da cidade: o destino da renda obtida com a comercialização do material reciclável, por exemplo, foi objeto de decisão da comunidade. Uma das opções foi revertê-la para a sustentação e ampliação do próprio projeto, que vem desenvolvendo desde 1989. Hoje atinge 16 bairros num total de 44.864 residências.

Numa dimensão mais ampla a reciclagem do lixo é percebida não só como uma solução operacionalmente eficaz, mas como uma forma de preservação ambiental. A consciência de que os recursos naturais são limitados está deixando de pertencer apenas aos cientistas, acadêmicos ou grupos de ecologistas. Seus benefícios ambientais podem ser avaliados por alguns dados fornecidos pela Gazeta Mercantil em março de 1991: com a coleta de 256 toneladas de papel e papelão, 5 toneladas de alumínio, 26 toneladas de vidro e 20 toneladas de plásticos realizada em 1990, evitou-se o corte de 3,84 mil árvores, a extração de 24,5 toneladas de bauxita e de 139 toneladas de areia, calcáreo, barrilha e feldspato.

Este exemplo de pré-disposição para enfrentar o problema do lixo tanto por parte do poder público como da população poderia ser interpretado como a **grande saída**. E que bastaria agora ampliar o

sistema por todo o espaço urbano. A curto e médio prazos, sem dúvida a reciclagem assegura uma melhor destinação aos resíduos da cidade. Mas São Paulo, como as demais cidades do mundo, principalmente as de grande porte, partilham de uma problemática de mais longo prazo: **a necessidade de redefinir as condições de produção de lixo.**

Nesse sentido se registram alguns avanços, especialmente na última década. Governos e empresários de muitos países, em geral da Europa e Estados Unidos, têm demonstrado interesse crescente em buscar alternativas à produção de resíduos sólidos e também de mercadorias que causem menos degradação ao meio ambiente.

Tal preocupação surge das pressões desencadeadas nestes últimos tempos pela sociedade civil (particularmente nas regiões referidas), assustada e indignada com as perspectivas de destruição dos recursos naturais e da qualidade de vida. Contribuíram para este processo de apropriação dos rumos do planeta pela comunidade internacional, trabalhos como o da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas (1987), as diversas publicações do Worldwatch Institute (a partir de 1984), os estudos da Comissão Brandt (1980 e 1983) e outros.

Os informes, as denúncias e as pressões internacionais atestam a dificuldade de conciliar desenvolvimento, nos moldes como tem se apresentado, com equilíbrio sócio-ambiental. Na questão do lixo, a postura dos governos e dos setores privados da economia pode ser avaliada através das declarações do presidente do Comitê Científico para a Administração de Rejeitos do Ministério do Meio Ambiente da Itália (Gazeta Mercantil, 04/12/1990). Segundo ele, os governos europeus estão traçando “planos de racionalização da produção, coleta, reciclagem e destinação de lixo”. No entanto, percebe-se que a política de prevenção de rejeitos limita-se à criação de “programas de desenvolvimento de tecnologias ‘limpas’, que produzam resíduos menos tóxicos e em menor quantidade ... e à criação de selos que identifiquem produtos ambientalmente saudáveis, inclusive no que se refere a embalagens biodegradáveis ou recicláveis.”

Depreende-se deste tipo de discurso que o cerne da questão fica intocável: a lógica do desenvolvimento que, entre outros fundamentos, sustenta-se na produção de bens voltados para o consumo perdulário das camadas de altas rendas. As mudanças nas tecnologias de produção, e no processamento dos resíduos não equacionam a questão central: o desperdício embutido no padrão de produção e consumo do modelo de desenvolvimento que predomina no planeta. E é justamente esse padrão de desenvolvimento que precisa ser problematizado.

Coloca-se como desafio aos planejadores, técnicos, cientistas, cidadãos em geral, a urgência de questionar os paradigmas que norteiam a vida contemporânea. Um dos mais importantes é o de melhoria do **nível de vida**. Muitas vezes reduz-se a noção de **qualidade de vida** de um consumo maior e mais sofisticado.

A redefinição de valores, comportamentos e princípios que nos orientam remetem à formulação de uma nova ética de desenvolvimento e, conseqüentemente, de vida, cuja meta principal seria a eliminação das desigualdades sociais na perspectiva de uma **satisfação auto-regulada das necessidades humanas**.

Esses pressupostos - devidamente aprofundados e debatidos com o conjunto da sociedade - podem possibilitar um novo patamar de "negociações" entre os diferentes agentes econômicos e políticos do cenário internacional, onde sejam respeitadas as especificidades de cada população na busca de um equilíbrio sócio-ambiental.

Lixo: morte e ressurreição

Emílio Eigenheer*

O tratamento que nossa sociedade vem dando desde longa data à questão do lixo doméstico acabou por nos trazer a situações graves e delicadas, principalmente no que diz respeito à saúde e ao meio ambiente. Hoje, é urgente uma mudança profunda tanto de hábitos e costumes do cidadão comum quanto da política de limpeza pública, à semelhança do que esboçam outros países (notadamente os industrializados) face às pressões ambientais e econômicas.

O enfrentamento do problema do lixo doméstico, em particular nos grandes centros urbanos, requer ações emergenciais, novas tecnologias etc. Mas há questões muito mais profundas sugeridas na relação entre ser humano e natureza, pela qual a partir de determinado momento algo recebe o valor de lixo. Essa é uma dimensão da qual o discurso técnico funcional não pode dar conta.

Refletir sobre o papel do lixo, sua contextualização cultural, toca discussões tão importantes quanto nossos costumes e crenças, apontando no ciclo vida-morte a possibilidade de interpretações até mesmo religiosas.

*Professor da Universidade Federal Fluminense e pesquisador do ISER

A observação mais cuidadosa do nosso comportamento cotidiano é reveladora de um tipo de atitude em relação ao mundo concreto do lixo. Seus coletores e seus locais de destinação recebem tratamento similar a pessoas/espacos ligados a “produções” antigas e permanentes da sociedade: cemitérios, manicômios, hospitais terminais, prisões, áreas de prostituição e albergues para mendigos. São lugares malditos, relegados aos “cantos” e à “periferia” da cidade, assim como o lixo em nossas casas. À medida que os centros urbanos se expandem, esses espaços se tornam problemáticos, pois, com efeito, não há quem os deseje por perto. No entanto, sua presença não pode ser dispensada. Assim, inclusive por esse paradoxo, aqueles que trabalham nesses lugares são quase sempre considerados cidadãos ... de terceira categoria.

Outro universo significativo é o dos vocábulos e expressões empregados nesses métiers, ou com respeito a eles, tais como: sujeira, podridão, lixo, jogado, imundice, apodrecer, não prestar, que geram expressões complementares: “apodrecer na prisão”, “mulher que não presta”, “velho que não presta para nada”, “boca do lixo”, “escória social”, “trapo humano”, “morto-vivo”, “jogado na prisão (ou manicômio)”, “não prestar” (sentido utilitário) e “só prestar para jogar fora”. Nestes diferentes contextos há a sugestão daquilo que deve ter um fim, que precisa ou tende a desaparecer, que precisa ser isolado para longe da vista do que deve morrer. O que foi nobre, viçoso, útil deixa de prestar, fica velho, inútil, estraga. Deve e vai morrer, de preferência bem longe de nós. Desde cedo, isso é que se ensina velada, mas decisivamente. O lixo parece trazer, pois ao nosso ver, pelo menos em muitos contextos, o estigma da morte.

Essas formas do tratamento destinado a lixeiros, sucateiros, catadores e aos aterros e vazadores são uma arraigada tradição que estigmatiza nossa relação com o mundo do lixo. Mas já há os que pregam que a sujeira está mais na nossa cabeça e em nossos hábitos do que naquilo que denominamos “lixo”. São os arautos de uma nova Weltanschauung: ecologistas, agrônomos, educadores ambientais, sa-

nitaristas e mesmo adeptos que vêm nessa tendência excelentes oportunidades de lucro.

Assim, têm-se esboçado situações, na questão do lixo urbano, indicadoras de um novo tempo, em que o estigma da morte cede lugar a possibilidades que mudam radicalmente muitos de nossos valores tradicionais. Num processo similar ao de certas religiões (nas quais a morte é vencida pela transformação, pela conquista de uma nova vida) e da própria natureza (onde a morte é fonte de vida), o que era visto como sujo, desprezível, podre agora é energia, matéria-prima, natureza embutida. O lixo é reciclável, algo que pode renascer. Vida em abundância. Assim, como quando passamos a acreditar em uma concepção de vitória sobre a morte, o que era degradante, sem sentido, decadente, ameaçador passa a ser prenúncio de uma vida melhor, no caso do lixo doméstico, a reciclagem o reintroduz direta e claramente no “ciclo” da natureza, superando assim a sua “morte”.

Estas são apenas considerações preliminares e assistemáticas, que indicam a possibilidade de pensar o lixo urbano a partir de novos parâmetros. O esquema de “limpeza”, calcado basicamente nos caminhões coletores (lembrando um cortejo fúnebre sem acompanhantes), nas áreas de destino final e no simbólico “desaparecimento” do lixo, pode dar lugar a um novo processo, voltado para a reciclagem, contra o desperdício, pelo reaproveitamento e a favor da vida e da natureza. Muito teremos a ganhar repensando a questão do lixo à luz de nossas concepções de mundo, entendendo-se também aí a nossa religiosidade.

Fantasma do lixo

Emilio Eigenheer

Meu primeiro contato com a problemática do lixo hospitalar se deu há dois anos, através do trabalho do Dr. Uriel Zanon, da UFF, cujas afirmações sobre a não periculosidade, em termos de riscos epidemiológicos, do lixo produzido em hospitais (mesmo os gerais), não deixaram de me surpreender. Porém, já acostumado às surpresas que estão reservadas aos que se apaixonam pelos problemas envoltos em estigmas e tabus, como é o caso do lixo, passei não só a ficar mais atento à questão como a procurar outras fontes.

Afinal, o que estaria por trás de tudo isto? Sabemos que mesmo o lixo produzido em nossas próprias casas nos enseja nojo, rejeição e afastamento e é um imperativo nos livrarmos dele rapidamente, de preferência que vá para bem longe dos olhos e do coração.

Quando se trata de lixo hospitalar, gerado no espaço da luta clara e objetiva da vida contra a morte, nossa temida e tão magistralmente camuflada inimiga, acrescentamos, aos já citados preconceitos e estigmas ligados ao lixo em geral, o componente do terror e do pavor. Curativos, seringas, restos de órgãos, toalhas com sangue proporcionam uma visão macabra e apocalíptica dos nossos próprios limites e veleidades, e isto não é bom para nossa arrogância e vaidade. Lá dentro, nos hospitais, germes terríveis e ameaçadores, como os demônios medievais, nos espreitam e nos ameaçam, e de lá não devem escapar com seu potencial de morte e de destruição. Isto é complementado entre nós por espaços hospitalares, onde a falta de cuidados e de manutenção dá um toque mais macabro ao cenário.

Aos poucos, porém, me acostumei a ler sem sobressaltos, em respeitadas revistas internacionais, de renomados e titulados autores, afirmação do tipo: “o lixo hospitalar possui menos germes do que o lixo domiciliar”, “que em termos higiênicos é sem sentido e economicamente um absurdo, quando, por exemplo, comunidades classificam o lixo hospitalar como repugnante e infeccioso e fazem exigências expressas para transporte e destinação”, e que somente 3% a 5% do lixo hospitalar são “potencialmente” infecciosos e merecem tratamento especial.

Porém, não é a minha perplexidade, de pesquisador apaixonado pelas implicações sociais, ecológicas, educacionais e religiosas de nossos rejeitos, frente à questão do lixo hospitalar, que deve ser enfatizada. O que é preocupante é o fato de em nosso país ser o professor Uriel Zanon uma voz que clama no deserto. Isto no momento que setores governamentais e industriais, aparentemente voltados para o interesse da tão combatida saúde pública, passem a incentivar prefeituras, hospitais etc. a uma cruzada para a eliminação do lixo hospitalar, através de um dos mais caros processos conhecidos, ou seja, a incineração.

Com isto, não queremos dizer que não haja necessidade de tratamento especial para o pequeno percentual do lixo hospitalar potencialmente perigoso. O que é preciso é que a questão venha a público e que mais informações circulem, que haja mais intercâmbios internacionais e que a população não seja apenas usada em seus preconceitos e desinformação como sustentação de políticas questionáveis.

Não estamos querendo, dogmaticamente, inverter a questão, apenas desejamos indicar que há muito mais a ser dito e ouvido sobre o assunto, e, como cidadão que paga imposto, gostaria que uma ampla e civilizada discussão, muitas vezes difícil, quando são grandes os interesses econômicos sobre o tema se realizasse, como a que ocorreu em recente congresso internacional sobre infecção hospitalar realizado no Rio de Janeiro.

Afinal, se a alternativa pode e ao que tudo indica parece ser outra, não podemos nos conformar em ver os recursos públicos, tão poucos, serem literalmente queimados, e prefeitos, sem assessoria e informações adequadas, tomarem desastrosas opções com as melhores das intenções.

Quem sabe no fundo estejamos tentando apenas queimar nossos velhos fantasmas ligados ao lixo. Mas, até prova em contrário, esses são imunes ao fogo.

Quem não gosta de lixo bom sujeito não é (?)

Emilio Eigenheer

É de grande significado um encontro para tratar da questão do lixo, inclusive sobre sua relação com a morte, que inclui a presença de gente da área de Ciências Sociais.

O lixo, produção diária de todos nós, não tem merecido a atenção dos cientistas sociais. Apenas na perspectiva técnico-operacional da coleta/destinação e poluição é que se encontra copiosa produção acadêmica. Por isso é significativo e instigante que ocasiões como essa ocorram a nível nacional e internacional.

A problemática, em seu sentido mais amplo, veio à tona nas últimas décadas por meio dos estudos de ambientalistas de diversas áreas preocupados com o rápido esgotamento e a perversa distribuição dos recursos naturais e energéticos do planeta e como resultado do agravamento das consequências ambientais, econômicas e sociais decorrentes da crescente geração de lixo em quase todo o mundo.

Hoje, o lixo é tema mundial. Ocupa um grande espaço na mídia e é fonte de preocupação constante para as administrações municipais, notadamente dos grandes centros.

A busca de soluções técnicas para “eliminá-lo” vem encontrando inúmeros problemas. A clássica solução dos aterros ou dos vazadouros (onde o lixo é jogado sem nenhum tratamento) esbarra na crescente falta de espaço urbano e na resistência das comunidades em aceitar lixo em sua vizinhança. Com as áreas de destinação final colocadas mais longe, crescem os custos de transporte. Muitos municípios já gastam mais com lixo do que com educação e saúde.

Por outro lado, as usinas de reciclagem e compostagem enfrentam problemas com a qualidade dos materiais separados para destino industrial (decorrente da mistura do lixo nas fontes produtoras e no transporte) e na contaminação do composto orgânico (principalmente por metais pesados) obtidos da fração orgânica do lixo. E ainda há o rejeito, que precisa ser destinado. As usinas de incineração - um dos processos mais caros de destinação de lixo - estão, por sua vez, sendo fechadas em muitos países por liberarem na atmosfera perigosos poluentes, apesar dos filtros. Além disso, restam as cinzas, altamente tóxicas.

Os EUA produzem por habitante uma média diária de 2 quilos de lixo; a Europa, 1 quilo; e o Brasil, entre 500 e 600 gramas. Não é, pois, de estranhar que o modelo clássico de continuar “jogando fora o lixo” produzido em escala crescente não se sustente. Agora, que o modelo industrial consumista esteja em crise, nessa perspectiva, já é lugar comum. A questão que apaixona e desafia é a de como revertê-lo.

O que pode acontecer de pior à proposta de seminários como este são as generalizações apressadas e a polêmica fácil que julgam esgotar um novo filão com discursos e modelos desviados do “baú” acadêmico.

A civilização industrial, consumista está aí. Ora em plenitude (nos países desenvolvidos), ora mitigada pelos bolsões de miséria (nos países “não-desenvolvidos”). Medidas para revertê-la existem, mas sua implementação não é nada fácil. Os interesses envolvidos são

gigantescos e seus defensores, poderosos. Além do que, as “delícias” do consumo costumam embriagar mesmo seus críticos mais acirrados.

Para ser bem entendida nessa discussão, minha posição deve ser vista tanto na perspectiva do pesquisador interessado nos aspectos religiosos, éticos e civilizatórios que a questão do lixo levanta, como na do técnico mergulhado há longos anos na operação de sistemas de coleta seletiva e reciclagem de lixo e na implantação de programas de educação ambiental ligados ao campo.

O interesse que tenho pelo tema Lixo-Morte-Religiosidade, expresso no texto “LIXO: MORTE E RESSUREIÇÃO” distribuído previamente aos participantes do seminário, surgiu e se reforça a partir do contato cotidiano com os tabus e estigmas existentes nas mais diversas situações que se encontram no mosaico de nossas cidades, além do “encontro” com os interesses do modelo gerador dessas condições.

A hipótese de que o lixo tenha a haver com a questão da morte, ao menos na maior parte das tradições religiosas, pode trazer importantes indicadores para o enfrentamento do problema, até mesmo como informação básica para a revisão do nosso modelo civilizatório. Quando o que pode estar em jogo já não é só a morte (ou o temor da morte) individual, mas a morte da espécie e mesmo do planeta, a dimensão do religioso tem muito mais a oferecer do que vãs filosofias e análises redundantes. Aqui está centrado meu interesse que, noutra oportunidade, deverá merecer discussão mais exaustiva.

O fato é que não me permito ignorar o problema em sua dimensão cotidiana: a casa, a rua, a cidade, o planeta onde exercitamos nossa existência. Neste contexto é que me deparo com as tradições religiosas, em suas diversas histórias e estórias do lixo. Há indicações de civilizações, como a cretense, em que o “lixo” já era cuidado. Os relatos da tradição euro-cristã são os mais diversos e não são paradigmas para muçulmanos, budistas e outros.

Os estudos sobre Lixo-Religiosidade estão apenas começando e

apontam para a necessidade de trabalhos interdisciplinares (historiadores, lingüistas, teólogos). Mas, a curto prazo é inevitável, queiramos ou não medidas práticas estarão sendo tomadas entre nós para reverter a situação de calamidade em que nossas cidades se encontram (e não só em relação ao lixo). E, quanto mais conhecermos de nossas múltiplas tradições sobre o assunto, mais chance teremos de propor soluções adequadas e exequíveis a cada contexto.

Hoje, enquanto lutamos para manter sem lixo nossas ruas, rios e bueiros, nas “limpas cidades européias” não são mais os resíduos a céu aberto, “publicamente” expostos o que se combate, e sim os que poluem quimicamente o ar, a água e o solo (este, de forma irreversível!). Em ambos os casos, as conseqüências são trágicas. Piores, só quando combinadas.

Há quem identifique nos aspectos práticos da preocupação ambiental - como a reciclagem, p.e. - uma vinculação conceitual de atrelamento aos interesses da sociedade industrial. Esse tipo de estrabismo só pode ser entendido como desconhecimento da literatura pertinente, ou como arraigado vício maniqueísta. Para a primeira hipótese há saída.

Também é possível especular academicamente sobre uma possível combinação libidinosa com o lixo. Mas é recomendável evitar fazê-lo em dias de chuva, preferencialmente a razoável distância daqueles que acabarem literalmente soterrados sob toneladas de detritos.

“Quem gosta de miséria é intelectual; não pobre” já dizia o conhecido carnavalesco. Esperamos que a discussão em nosso meio tome tal rumo que ele se sinta tentado a abandonar o dito, ao invés de completá-lo com mais um exemplo.

A questão do lixo: uma visão do educador

Anna Maria de Oliveira Rennhack*

Ao participar do encontro promovido pela Nova, versando sobre o lixo, pela primeira vez parei para pensar na questão, do ponto de vista de produtor de lixo.

Nossa sociedade tem-se caracterizado pelo desperdício, o refrão “usa-se uma vez e joga-se fora” pode estar associado a um sem número de produtos. Mas, ao mesmo tempo em que aqueles que têm acesso ao consumo produzem um lixo “rico”, há um grande número de pessoas que buscam numa relação complexa aos olhos pouco acostumados - encontrar no lixo elementos que possam melhorar sua condição de vida. Catadores de objetos que são considerados inúteis e que se tornam úteis para eles, primitivamente realizam uma seleção e distribuição desses materiais, separando, empilhando, organizando. Já são conhecidas experiências desse lixo, funcionando sob a forma de cooperativa, onde o objetivo primeiro de conseguir algum dinheiro foi ampliado para a realização de trabalhos artesanais tendo como matéria-prima o próprio lixo.

Mas, voltemos para a sociedade do desperdício. As latas e garrafas trazem o logotipo de descartável estampado nas embalagens.

*Professora da Faculdade de Educação da UERJ e membro da Câmara Técnica de Meio Ambiente da UERJ

Outros produtos apresentam invólucros dispendiosos, que são desprezados logo após abertos, executados dentro dos padrões mais modernos da propaganda.

O material usado para a produção de latas, vidros e embalagens é obtido da natureza. Simplesmente tomamos e pronto.

As indústrias de um modo geral não têm demonstrado grande preocupação com a busca de formas alternativas de embalar seus produtos e, em nome do conforto e do progresso, continuamos saqueando a natureza.

Politicamente ainda não foram tomadas medidas nesse sentido. Fala-se muito em preservar a Amazônia, a Mata Atlântica, mas o que fazemos no ambiente próximo é outro problema. Também ainda não foram testadas amplas medidas alternativas a nível governamental e, as experiências em desenvolvimento surgem do interesse de pequenos grupos para o problema. A falta de uma infra-estrutura de apoio dificulta a realização de possíveis soluções.

As dificuldades para a seleção do lixo pelos próprios produtores domésticos esbarram na falta da coleta seletiva que apoiaria essa seleção.

Estamos saindo de um momento histórico onde o mando e a diretividade imperaram, e em conseqüência, nos tornamos indisciplinados por princípio. Qualquer chavão do tipo “não suje”, “não pise”, “não jogue”, é imediatamente contestado com a ação contrária.

Como já disse antes, pela primeira vez pensando como produtor de lixo, me dei conta da complexidade do tema. O que é lixo? Como podemos classificá-lo? Lixo doméstico, lixo industrial, lixo hospitalar, lixo orgânico, lixo atômico ...

Um importante ponto de reflexão é a relação direta entre o lixo e o meio-ambiente, lixo e poluição, lixo e educação, lixo e participação.

Sabemos que as experiências em desenvolvimento, em destaque as efetuadas pela Prefeitura de São Paulo e em Niterói, pela Universidade Federal Fluminense, nasceram com o envolvimento da própria comunidade para o problema. Somente através da participação coletiva será possível encontrarmos alguma solução.

A educação assume papel de destaque. Através da sensibilização e esclarecimento de professores para o problema, teremos um grande número de agentes multiplicadores, que poderão levar para seus alunos as primeiras idéias para serem discutidas, originando uma nova mentalidade para o desperdício e o consumo. O aproveitamento de material descartável pela escola e a divulgação de trabalhos e pesquisas realizados pelos alunos também irão favorecer a introdução e desenvolvimento do tema.

Fora da escola, através da educação não-formal divulgada pelos meios de comunicação, é possível sensibilizar a população para o problema.

Resta agora a questão principal: a vontade política. A questão do lixo é, sem sombra de dúvida, uma questão política, que envolve a busca de soluções através de uma discussão ampla que abrange a todos os segmentos da comunidade.

Não me satisfaz a resposta de que não é possível iniciar uma coleta seletiva por falta de estrutura. Queremos que sejam criadas as condições para que as soluções se concretizem.

Não participo do pessimismo do total soterramento da humanidade no seu próprio lixo. Acredito que há dirigentes e políticos sensíveis à questão, os exemplos estão aí, para serem adotados e ampliados.

A discussão foi iniciada. Que venham as soluções!

Do caos à melodia

Moema Sanchez Quintanilha*

Trabalho de forma lúdica com o refugo, com o descartável, com o disponível. Esta atividade é desenvolvida na Escolinha de Arte do Brasil (EAB) durante o Curso Intensivo de Arte-Educação, no Núcleo de Arte da Urca (NAU), com crianças de dois a seis anos de idade, e em outros projetos.

Minha proposta de trabalho visa mais o processo criativo do que o produto final. Renovando e dando vida a objetos considerados inúteis remexemos conosco e com quem trabalhamos.

Os trabalhos são executados através de troca de idéias, levando-se em conta a disponibilidade de recursos materiais, conhecimentos técnicos e tempo de execução. Isto nos leva a refletir a respeito da arte da transformação, tanto dos materiais com os quais trabalhamos quanto da nossa subjetividade.

Na escolinha de arte do Brasil, com os futuros arte-educadores, sob este mesmo enfoque, confeccionamos materiais artesanais (pincéis, tintas, jogos pedagógicos) para utilização em trabalhos a serem realizados em sala de aula. Também praticamos exercícios que os façam refletir a respeito da maneira mais criativa de lidar com a realidade de cada ambiente de trabalho.

* Escolinha de Arte do Brasil (EAB) e Núcleo de Arte da Urca (NAU)

No Núcleo de Arte da Urca, com as crianças, são inventadas as mais diversas esculturas a partir da junção de brinquedos quebrados. Nestas oficinas de brinquedos reciclados contamos periodicamente com a participação dos pais de alunos que, com maiores conhecimentos técnicos, colaboram com as crianças na realização de suas idéias.

Mexendo com sucata descobrimos formas, texturas, volumes e cores presentes em materiais e objetos que passam despercebidos mas, nestes momentos, se transformam. A partir daí os olhamos com uma mescla de cuidado, atenção e poesia.

Durante a prática de transformação de objetos experimentamos um processo de reciclagem interna. A arte da transformação pessoal passa por este canal, num coletivo onde se misturam mãos, idéias e conhecimentos.

Desenvolvendo a sensibilidade diante dos objetos do cotidiano tornamo-nos mais atentos e o nosso olhar capta o que antes não percebia.

O desprezível, o entulho, o inadequado, o descartável nos dá a liberdade de criar, nos oferece múltiplas possibilidades. No caos várias ordens são possíveis através da poesia do ato criativo.

A Nova Pesquisa e Assessoria em Educação, fundada em 1973, é uma entidade autônoma, sem fins lucrativos, que atua na área da Educação Popular através de assessorias, seminários, pesquisas e publicações.

O cerne do trabalho da Nova é desenvolver e consolidar atitudes e padrões de atuação social que viabilizem uma sociedade igualitária e solidária. Para isso, desenvolve seu trabalho junto a diferentes grupos, privilegiando as camadas populares, reforçando ou questionando o seu modo de pensar, sentir e agir. Promove, assim, a produção e a apropriação de um conhecimento que amplia e fortalece a capacidade dos grupos de discernir, discutir e tomar iniciativas em relação à sua inserção e participação na construção de uma nova sociedade.

O Pólis, Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais, tem como objetivo contribuir para a ampliação dos direitos civis e políticos na nossa sociedade.

Com este objetivo desenvolve programas de estudos e pesquisas, além de formação, assessoria e consultoria no campo das políticas sociais, visando contribuir para o debate, a divulgação de idéias e a ampliação dos direitos civis e políticos em nossa sociedade.

Nesta perspectiva, as atividades desenvolvidas pelo *Pólis* compreendem temas como movimentos sociais, administração pública, processos legislativos, análises de conjuntura política e econômica, bem como representações no campo da cultura e do cotidiano.

O ISER, Instituto de Estudos da Religião, fundado em 1970, é uma organização não-governamental autônoma, de utilidade pública e alcance nacional.

Nos anos 80, com a abertura, a instituição cresceu e expandiu os horizontes, viabilizando projetos de promoção. Continuou a fazer pesquisa, agora enriquecida pela assessoria sistemática a grupos de base e a movimentos sociais. Aperfeiçoou serviços de avaliação e acompanhamento junto às igrejas. Envolveu-se diretamente com a pobreza trabalhando com prostitutas, crianças de rua, negros, mulheres; abrindo novas trilhas no campo da saúde e do meio ambiente. Além disso, consolidou um programa de comunicação: mais títulos e periódicos, maior tiragem, uma produtora de vídeos e laços estreitos com os circuitos de criação cultural.

O ISER tem cerca de cem pessoas que compõe equipes desenvolvendo projetos em várias regiões do país

FALAS EM TORNO do



Esta coletânea enfoca o tema comum a todos os artigos, o lixo, sob diversos ângulos: simbólico, artístico, ecológico, educativo, político-administrativo.

Esta heterogeneidade, que se pode apresentar como desordem - uma das possíveis definições de lixo -, é sugestiva do tema em questão.

Embora tudo que se refira ao ecológico está na ordem do dia, e no Brasil ainda mais, devido à ECO-92, é escasso o material que entre nós circula acerca do lixo, razão pela qual *ISER*, *PÓLIS* e *NOVA* resolveram editar estas "falas".

Esperamos que estes artigos contribuam para a reflexão daqueles que trabalham em atividades que contemplam o lixo, tema presente no amplo debate que hoje se realiza acerca do meio ambiente.

